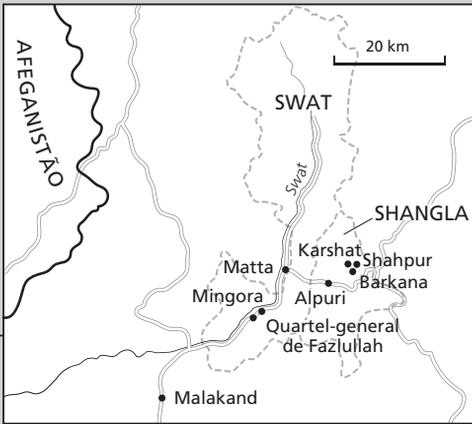


*A todas as meninas que enfrentaram injustiças
e que foram silenciadas.
Juntas seremos ouvidas.*

Mapa de Swat, Paquistão e áreas circundantes



Índice

Prólogo	13
---------------	----

Parte Um: Antes dos talibãs

1. Nasceu uma filha	23
2. O meu pai, o falcão	38
3. Crescer numa escola	52
4. A aldeia	71
5. Porque é que não uso brincos e porque é que os Pastós nunca agradecem	83
6. Filhos da montanha de lixo	94
7. O <i>mufti</i> que tentou fechar a nossa escola	104
8. O outono do sismo	116

Parte Dois: O Vale da Morte

9. O Mulá da Rádio	125
10. Caramelos, bolas de ténis e os budas de Swat	138
11. A turma inteligente	150
12. A Praça Sangrenta	163
13. O diário de Gul Makai	170
14. Uma paz estranha	182
15. Abandonar o vale	193

Parte Três: Três meninas, três balas

16. O Vale das Lamentações	205
17. Rezar para ser alta	221
18. A mulher e o mar	235

19. Uma talibanização privada	244
20. Quem é a Malala?	254
 <i>Parte Quatro: Entre a vida e a morte</i>	
21. «Meu Deus, confio-a ao vosso cuidado»	263
22. Viagem para o Desconhecido	281
 <i>Parte Cinco: Uma segunda vida</i>	
23. «A menina que levou um tiro na cabeça, Birmingham»	295
24. «Arrancaram-lhe o sorriso»	312
 Epílogo: Uma criança, um professor, um livro, uma caneta... ..	 326
 <i>Glossário</i>	 339
<i>Acontecimentos importantes no Paquistão e em Swat</i>	343
<i>Agradecimentos</i>	346
<i>Nota sobre o fundo Malala</i>	351

Prólogo

Venho de um país que foi criado à meia-noite. Quando quase morri, passava pouco do meio-dia.

Há um ano, saí de casa para a escola e nunca mais voltei. Fui baleada por um talibã e transportada, inconsciente, de avião para fora do Paquistão. Há quem diga que nunca regressarei a casa, mas acredito piamente no fundo do meu coração que voltarei. Seremos arrancados ao país que amamos não é algo que se deseje a ninguém.

Agora, todas as manhãs, quando abro os olhos, anseio ver o meu antigo quarto cheio das minhas coisas, com roupas espalhadas pelo chão e os prémios que recebi na escola colocados nas estantes. Em vez disso, encontro-me num país que fica apenas a várias horas de distância da minha pátria amada, o Paquistão, e da minha casa no Vale de Swat. Porém, o meu país está séculos atrás deste onde agora me encontro. Aqui, encontramos todas as comodidades que se possam imaginar. A água corre das torneiras, quente ou fria, consoante a nossa vontade; as luzes acendem-se se carregarmos num interruptor, seja dia ou seja noite, sem necessidade de lamparinas; os fornos cozinham sem que seja preciso alguém ir buscar bilhas de gás ao bazar. Aqui, é tudo tão moderno, que nas lojas até se vende comida embalada já cozinhada.

Quando me ponho diante da janela e olho para a rua, vejo edifícios altos, ruas compridas cheias de carros que avançam em filas ordenadas, sebes e relvados bem aparados e passeios

asseados para caminharmos. Fecho os olhos e, por instantes, estou de regresso ao meu vale — às grandes montanhas cujos cumes estão cobertos de neve, aos campos verdejantes e aos rios de água azul cristalina — e o meu coração sorri quando olha para o povo de Swat. A minha mente transporta-me de regresso à minha escola e lá reencontro os meus amigos e os meus professores. Encontro a minha melhor amiga, Moniba, e sentamo-nos lado a lado a conversar e a brincar como se nunca me tivesse vindo embora.

Depois, lembro-me de que estou em Birmingham, na Inglaterra.

O dia em que tudo mudou foi terça-feira, nove de outubro de 2012. Para começar, não era o melhor dos dias, já que estávamos a meio da época de exames, embora, por ser tão estudiosa, eu não me ressentisse tanto disso como algumas das minhas colegas.

Naquela manhã, chegámos ao estreito carreiro enlameado que saía da estrada Haji Baba na nossa procissão habitual de riquexós de cores garridas que cuspiam vapores dos tubos de escape, cada um deles atafalhado com cinco ou seis raparigas. Desde que os talibãs assumiram o poder, a nossa escola não tem qualquer marca que a identifique, e a porta de latão ornamentada que está recortada numa parede branca em frente ao pátio do lenhador não deixa entrever o que fica por detrás dela.

Para nós, raparigas, aquela porta era como a entrada mágica para o nosso próprio mundo especial. Quando entrávamos aos saltinhos, soltávamos os lenços que nos cobrem as cabeças como se estes fossem velas inchadas a afastar as nuvens para deixar passar o sol e depois subíamos as escadas desordenadamente. No cimo da escadaria, havia um pátio aberto com portas para todas as salas de aula. Largávamos as mochilas nas nossas salas e reuníamo-nos depois para a assembleia matinal ao ar livre, com as costas voltadas para as montanhas, enquanto nos mantínhamos em sentido.

— *Assaan bash!* — ou «À vontade!», comandava uma menina e todas batíamos com os calcanhares e respondíamos:

— *Allah.*

Depois ela retorquia:

— *Hoo she yar!* — ou «Sentido!» e batíamos novamente com os calcanhares e respondíamos:

— *Allah.*

A escola foi fundada pelo meu pai antes de eu nascer e na parede sobre as nossas cabeças estavam orgulhosamente pintadas as palavras KHUSHAL SCHOOL com letras vermelhas e brancas. Íamos à escola seis manhãs por semana e, como tinha quinze anos e frequentava o nono ano, as minhas aulas eram passadas a repetir equações químicas ou a estudar gramática urdu; a escrever histórias em inglês com lições de moral como «depressa e bem não faz ninguém» ou a desenhar diagramas para ilustrar a circulação sanguínea — quase todas as minhas colegas queriam ser médicas. É difícil imaginar que alguém encarasse essas atividades como uma ameaça. No entanto, à porta da escola ficavam não só o burburinho e a loucura de Mingora, a cidade principal de Swat, mas também aqueles que, como os talibãs, pensam que as meninas não devem ir à escola.

Aquela manhã principiara como qualquer outra, embora um pouco mais tarde do que o habitual. Era altura de exames, por isso a escola começava às nove em vez de começar às oito, o que era bom, porque não gosto de me levantar cedo e consigo perfeitamente dormir com os galos a cantar e o muezim a chamar para as orações. Primeiro, era o meu pai quem tentava acordar-me.

— Está na altura de acordares, *Jani Mun* — dizia ele. A expressão significa «alma gémea» em persa e era sempre dessa forma que me tratava no início de um novo dia.

— Só mais uns minutos, *Aba*, por favor — pedinchava eu e enfiava-me mais para debaixo da manta.

Depois chegava a minha mãe, Tor Pekai.

— *Pisbo* — chamava ela. Isto significa «gato» e é o nome que utiliza para mim.

Por essa altura, eu perceberia que já estava atrasada e gritava:

— *Bhabi*, estou atrasada! — Na nossa cultura, todos os homens são nossos «irmãos» e todas as mulheres são nossas «irmãs». É assim que nos consideramos uns aos outros. Quando o meu pai levou a esposa à escola pela primeira vez, todos os professores se referiram a ela como «a mulher do meu irmão» ou *bhabi*. E o termo manteve-se desde então. Todos lhe chamamos *bhabi* agora.

Eu dormia num quarto comprido na parte da frente da casa e as únicas peças de mobiliário eram a cama e um armário que comprei com algum do dinheiro que recebi como prémio por ter defendido publicamente a paz no nosso vale, bem como o direito de as meninas frequentarem a escola. Em algumas prateleiras, repousavam as taças e os troféus de plástico dourado que ganhara por ter sido a melhor da turma. Houve algumas vezes em que não fui a melhor — de ambas as vezes, quem me venceu foi a minha rival da turma: Malka-e-Noor. Eu estava determinada a não permitir que tal coisa acontecesse outra vez.

A escola não ficava longe de minha casa e eu costumava ir a pé, mas desde o início do ano anterior, começara a ir com outras meninas num riquexó e a regressar a casa na carrinha. Era uma viagem de apenas cinco minutos ao longo do ribeiro malcheiroso, passando pelo cartaz gigante do Instituto de Transplante Capilar do Dr. Humayun, onde, costumávamos dizer a brincar, um dos nossos professores carecas devia ter ido quando começou subitamente a desenvolver cabelo. Eu gostava da carrinha porque não transpirava tanto como quando caminhava e podia conversar com as minhas amigas e trocar mexericos com Usman Ali, o motorista, a quem chamávamos *Bhai Jan*, ou «Irmão», e que nos fazia rir a todas com as suas histórias loucas.

Começara a ir de carrinha porque a minha mãe tinha medo que eu caminhasse pelas ruas sozinha. Andávamos a ser amea-

çados desde o início do ano. Algumas ameaças apareciam nos jornais, outras vinham sob a forma de bilhetes ou mensagens passados de mão em mão. A minha mãe estava preocupada comigo, mas os talibãs nunca tinham vindo buscar uma rapariga e eu tinha mais medo que eles se concentrassem no meu pai, já que ele passava a vida a falar mal deles. Um amigo próximo do meu pai e companheiro ativista, Zahid Khan, fora baleado no rosto em agosto quando ia a caminho das orações e eu sabia que todos diziam ao meu pai:

— Toma cuidado, ainda vais ser o próximo!

Não se conseguia chegar à nossa rua de carro, por isso, quando ia para casa, saía da carrinha na rua de baixo, junto ao ribeiro, atravessava um portão de ferro com grades e subia um lanço de escadas. Pensava que, se alguém me atacasse, seria naquelas escadas. Como o meu pai, sempre fui dada a devaneios e, por vezes, nas aulas, a minha mente vagueava e imaginava que a caminho de casa algum terrorista podia saltar de algum canto e dar-me um tiro naqueles degraus. Interrogava-me, então, sobre o que eu faria. Talvez tirasse os sapatos e lhe batesse, mas depois pensava que, se fizesse isso, não haveria diferença entre mim e um terrorista. Seria melhor invocar algo como: «Está bem, dê-me um tiro à vontade, mas antes ouça o que tenho para lhe dizer. Aquilo que está a fazer é errado. Não tenho nada contra si pessoalmente, só quero que todas as raparigas possam frequentar a escola.»

Eu não tinha medo, mas começara a certificar-me de que o portão estava trancado à noite e a perguntar a Deus o que acontece quando morremos. Contava tudo à minha melhor amiga, Moniba. Vivíamos na mesma rua quando éramos pequeninas, éramos amigas desde a escola primária e partilhávamos tudo: as canções do Justin Bieber, os filmes da saga *Crepúsculo* e os melhores gelados que nos deixavam com um sorriso de orelha a orelha. O sonho dela era ser estilista, embora soubesse que a família nunca lhe daria permissão para tal, por isso dizia a toda

a gente que queria ser médica. É difícil para as raparigas na nossa sociedade terem qualquer outra profissão que não seja professora ou médica, se é que lhes é permitido trabalhar de todo. Eu era diferente — nunca escondi o meu desejo quando passei de querer ser médica para querer ser inventora ou política. Moniba sabia sempre se alguma coisa de errado se passava.

— Não te preocupes — dizia-lhe eu. — Os talibãs nunca vieram atrás de uma miúda pequena.

Quando chamaram para a nossa carrinha, descemos os degraus a correr. Todas as outras meninas cobriram as cabeças antes de emergirem pela porta e subirem para a parte de trás do veículo. A carrinha é aquilo a que chamamos uma *dyna*, ou seja, uma *Toyota TownAce* branca com três bancos paralelos, um em cada lado e outro ao meio. Estava apinhada com vinte meninas e três professoras. Eu ia sentada do lado esquerdo entre Moniba e uma rapariga um ano mais nova chamada Shazia Ramzan, segurando as pastas dos exames contra o peito e a mochila debaixo dos pés.

Depois disso, é tudo uma névoa. Lembro-me de que, dentro da *dyna*, estava quente e húmido. Os dias mais frescos tardavam em chegar e apenas as montanhas mais longínquas de Hindu Kush tinham uma camada de neve. A parte de trás onde íamos sentadas não tinha janelas, apenas coberturas de plástico grosso nas laterais, que abanavam com o vento e estavam demasiado amarelas e empoeiradas para permitirem ver alguma coisa. Tudo o que conseguíamos ver era um pequeno recorte de céu aberto pela parte de trás e vislumbres do Sol, que, naquela altura do dia, era um orbe amarelo a flutuar no pó que tremeluzia sobre todas as coisas.

Lembro-me de que a carrinha saiu da estrada principal, virando à direita num posto de controlo do exército, como habitualmente, e fez a curva, passando pelo campo de críquete deserto. Não me lembro de mais nada depois disso.

Quando sonho com o tiroteio, o meu pai também está dentro da carrinha e é baleado como eu e depois há homens por todo o lado e ando à procura dele.

Na realidade, o que aconteceu foi que parámos abruptamente. No nosso lado esquerdo ficava o túmulo de Sher Mohamad Khan, o ministro das Finanças do primeiro governante de Swat, todo coberto de ervas, e, à nossa direita, ficava a fábrica de biscoitos. Devíamos estar a menos de duzentos metros do posto de controlo.

Não conseguíamos ver nada à nossa frente, mas um jovem barbudo envergando vestes de tom claro colocara-se no meio da estrada e fez sinal para que a carrinha parasse.

— Esta é a carrinha da escola Khushal? — perguntou ao motorista.

Usman Bhai Jan considerou a pergunta muito idiota, já que o nome da escola estava pintado nas laterais da carrinha.

— Sim — respondeu ele.

— Preciso de informações acerca de algumas das crianças — solicitou o homem.

— Tem de falar com a secretaria — respondeu Usman Bhai Jan.

Enquanto esta conversa decorria, outro jovem vestido de branco aproximou-se da parte de trás da carrinha.

— Olha, é um daqueles jornalistas a pedir uma entrevista — comentou Moniba.

Desde que começara a discursar em eventos com o meu pai em defesa da educação das raparigas e contra aqueles que, como os talibãs, nos queriam esconder, apareciam muitas vezes jornalistas, até mesmo estrangeiros, mas nunca assim no meio da estrada.

O homem trazia um boné com pala e tinha um lenço a tapar-lhe o nariz e a boca como se tivesse gripe. Parecia ser um aluno universitário. Em seguida, saltou para a traseira da carrinha e inclinou-se sobre as nossas cabeças.

— Quem é a Malala? — exigiu saber.

Ninguém disse nada, mas várias meninas olharam para mim. Eu era a única rapariga que não trazia o rosto coberto.

Foi então que ele ergueu uma pistola preta. Mais tarde, vim a saber que se tratava de uma *Colt .45*. Algumas raparigas gritaram. Moniba conta-me que lhe apertei a mão.

As minhas amigas dizem que disparou três tiros, todos de seguida. O primeiro atravessou a órbita do meu olho esquerdo e saiu debaixo do ombro do mesmo lado. Caí sobre o colo de Moniba, com sangue a escorrer da orelha esquerda, de modo que as outras duas balas atingiram as meninas que estavam ao meu lado. Uma bala atravessou a mão esquerda de Shazia. A terceira atravessou-lhe o ombro esquerdo e alojou-se na parte de cima do braço direito de Kainat Riaz.

Mais tarde, as minhas amigas contaram-me que o atirador tinha a mão a tremer enquanto disparava.

Quando chegámos ao hospital, o meu cabelo comprido e o colo de Moniba estavam cobertos de sangue.

*

Quem é a Malala? Eu sou a Malala e esta é a minha história.

Parte Um

Antes dos talibãs

سوري سوري په گولو راشې د بي ننگي آواز درامه شه مئينه

Sorey sorey pa golo rashey

Da be nangai awaz de ra ma sha mayena

Mais vale receber o teu corpo cravejado de balas com honra

Do que notícias da tua cobardia no campo de batalha

Dístico tradicional pastó

Nasceu uma filha

Quando nasci, os habitantes da nossa aldeia exprimiram o seu pesar à minha mãe e ninguém deu os parabéns ao meu pai. Cheguei de madrugada, quando a última estrela se extinguiu. Nós, os Pastós, consideramos que isso é um sinal auspicioso. O meu pai não tinha dinheiro para pagar o hospital nem para uma parteira, por isso foi uma vizinha que ajudou no meu nascimento. O primeiro bebé dos meus pais fora nado-morto, mas eu saltei cá para fora a espernear e a berrar. Era uma menina nascida numa terra em que se disparam armas para celebrar o nascimento de um filho, enquanto as filhas são escondidas por detrás de uma cortina, sendo o seu papel na vida simplesmente fazer comida e parir filhos.

Para a maioria dos Pastós, o dia em que nasce uma filha é sombrio. O primo do meu pai, Jehan Sher Khan Yousafzai, foi uma das poucas pessoas que apareceram para celebrar o meu nascimento e até lhe deu de presente uma simpática quantia de dinheiro. Porém, trouxe com ele uma grande árvore genealógica do nosso clã, os Dalokhel Yousafzai, que chegava até ao meu trisavô e mostrava apenas a linhagem masculina. O meu pai, Ziauddin, é diferente da maioria dos homens pastós. Pegou na árvore, desenhou uma linha a partir do seu nome como se fosse um chupa-chupa e, no final, escreveu: «Malala». O primo riu-se, espantado. O meu pai não se importou. Diz que olhou para os meus olhos assim que nasci e apaixonou-se por mim.

— Sei que esta criança tem algo de diferente — dizia ele às pessoas.

O meu pai chegou a pedir aos amigos que atirassem frutos secos, doces e moedas para o meu berço, algo que geralmente só se faz no caso de rapazes.

O meu nome foi escolhido em honra de Malalai de Maiwand, a maior heroína do Afeganistão. Os Pastós são um povo orgulhoso constituído por muitas tribos divididas entre o Paquistão e o Afeganistão. Vivemos há séculos segundo um código chamado *Pashtunwali*, que nos obriga a darmos hospitalidade a todos os convidados e no qual o valor mais importante é a *namg*, ou honra. A pior coisa que pode acontecer a um pastó é ver a sua reputação manchada. A vergonha é algo terrível para um homem pastó. Temos um ditado: «Sem honra, o mundo não vale nada.» Existem tantas brigas e tantas rixas familiares entre o nosso povo, que a palavra que temos para primo — *tarbur* — é a mesma que usamos para inimigo. Porém, unimo-nos sempre contra os forasteiros que tentem conquistar as nossas terras. Todas as crianças pastós crescem a ouvir a história de como Malalai inspirou o exército afegão a derrotar o exército britânico em 1880 numa das maiores batalhas da Segunda Guerra Anglo-Afegã.

Malalai era filha de um pastor de Maiwand, uma pequena cidade nas planícies poeirentas de Kandahar. Quando era adolescente, tanto o pai dela como o homem com quem iria supostamente casar contavam-se entre os milhares de afegãos que combatiam contra a ocupação britânica do país. Malalai dirigiu-se ao campo de batalha com outras mulheres da aldeia para tratar dos feridos e levar-lhes água. Viu que os seus homens estavam a perder e, quando o porta-estandarte tombou, ela ergueu o véu branco bem alto e marchou para o campo de batalha à frente das tropas.

— Jovem amado! — gritou ela. — Se não tombares na batalha de Maiwand então, por Deus, alguém te está a guardar como símbolo da vergonha.

Malalai foi morta debaixo de fogo, mas as suas palavras e a sua bravura inspiraram os homens a darem a volta à batalha.

Destruíram uma brigada inteira, naquela que foi uma das piores derrotas da história do exército britânico. Os Afegãos sentiram-se tão orgulhosos que o último rei afegão erigiu um monumento em honra da vitória de Maiwand no centro de Cabul. No liceu, li um livro de Sherlock Holmes e ri-me quando percebi que era a mesma batalha em que o doutor Watson foi ferido antes de se tornar parceiro do grande detetive. Em Malalai, nós, os Pastós, temos a nossa própria Joana d’Arc. Há muitas escolas para meninas no Afeganistão cujo nome foi inspirado nela. Mas o meu avô, que era um académico religioso e um clérigo da aldeia, não gostou que o meu pai me tivesse dado esse nome.

— É um nome triste — disse ele. — Significa atingida pela dor.

Quando eu era bebé, o meu pai costumava cantar-me uma canção escrita pelo famoso poeta de Peshawar, Rahmat Shah Sayel. A última estrofe termina assim:

*Oh, Malalai de Maiwand,
Ergue-te mais uma vez para fazeres os Pastós perceberem a canção
da honra,
As tuas palavras poéticas conseguem melhorar os mundos,
Suplico-te, ergue-te mais uma vez.*

O meu pai contava a história de Malalai a todas as pessoas que vinham a nossa casa. Adorava ouvir a história e as canções que o meu pai me cantava e a forma como o meu nome fluía ao vento quando as pessoas me chamavam.

*

Vivíamos no local mais belo do mundo. O meu vale, o Vale de Swat, é um reino paradisíaco de montanhas, quedas-d’água exuberantes e lagos cristalinos. «BEM-VINDOS AO PARAÍSO»,

diz um *placard* quando se entra no vale. Antigamente, Swat chamava-se Uddyana, que significa «jardim». Temos campos de flores silvestres, pomares com frutos deliciosos, minas de esmeraldas e rios cheios de trutas. As pessoas dizem frequentemente que Swat é a Suíça do Oriente — até tivemos a primeira estância de esqui do Paquistão. Os ricos do Paquistão vêm para cá de férias para desfrutar do ar puro, da paisagem e dos nossos festivais de música e dança sufis. E também vinham muitos estrangeiros, a quem chamávamos sem exceção *angrezan* — «Ingleses» — independentemente da sua origem. Até a rainha de Inglaterra chegou a vir cá e ficou no Palácio Branco, que foi construído pelo nosso rei, o primeiro *wali*, ou governante, de Swat, com o mesmo mármore utilizado no Taj Mahal.

Também temos uma história especial. Hoje em dia, Swat faz parte da província de Khyber Pakhtunkhwa, ou KPK, como muitos paquistaneses lhe chamam, mas Swat costumava ser isolado do resto do Paquistão. Chegámos a ser um principado, um de três juntamente com as terras vizinhas de Chitral e Dir. Nos tempos coloniais, os nossos reis deviam lealdade aos Ingleses, mas governavam as suas próprias terras. Quando os Ingleses concederam a independência à Índia em 1947 e dividiram o país, juntámo-nos ao recém-criado Paquistão, mas mantivemos a nossa autonomia. Usávamos a rupia paquistanesa, mas o governo do Paquistão só podia intervir nas relações internacionais. O *wali* aplicava a justiça, mantinha a paz entre as tribos hostis e recebia o *ushur* — o imposto de dez por cento do rendimento — com o qual construía estradas, hospitais e escolas.

Encontrávamo-nos a apenas cento e sessenta quilómetros, em linha reta, da capital do Paquistão, Islamabad, mas parecíamos estar noutro país. A viagem demorava pelo menos cinco horas por estrada, passando pelo Desfiladeiro de Malakand, uma grande bacia de montanhas onde outrora os nossos antepassados, conduzidos por um pregador chamado Mulá Saidullah (conhecido pelos Ingleses como Faquir Louco), combateram contra

as forças britânicas por entre os picos escarpados. Entre elas, encontrava-se Winston Churchill, que escreveu um livro sobre o evento, e ainda chamamos a um dos cumes Pico de Churchill, muito embora ele não tenha sido muito elogioso em relação ao nosso povo. No final do desfiladeiro, fica um altar com uma cúpula verde para onde as pessoas atiram moedas com o intuito de agradecerem a sua passagem em segurança.

Eu não conhecia ninguém que alguma vez tivesse ido a Islamabad. Antes de chegarem os problemas, a maioria das pessoas, como a minha mãe, nem nunca sequer tinha saído de Swat.

Vivíamos em Mingora, a maior cidade do vale; na verdade, a única cidade do vale. Antigamente era uma localidade pequena, mas muitas pessoas mudaram-se para lá, oriundas das aldeias circundantes, tornando a cidade suja e apinhada de gente. Tem hotéis, universidades, um campo de golfe e um bazar famoso, onde se podem adquirir os nossos bordados tradicionais, pedras preciosas e todas as outras coisas de que nos conseguirmos lembrar. O ribeiro Marghazar serpenteia pela cidade, com um tom castanho-leitoso por causa dos sacos de plástico e do lixo que despejam nas suas águas. Não é cristalino como os rios das zonas montanhosas ou como o largo rio Swat às portas da cidade, onde as pessoas pescavam trutas e que nós visitávamos nas férias. A nossa casa ficava em Gulkada, que significa «local das flores», mas antigamente chamava-se Butkara, ou «local das estátuas budistas». Perto de nossa casa havia um campo que tinha espalhadas ruínas misteriosas: estátuas de leões sentados, colunas partidas, figuras sem cabeça e, o que era mais estranho do que tudo o resto: centenas de chapéus de chuva de pedra.

O Islão chegou ao nosso vale no século XI, quando o Sultão Mahmud de Ghazni invadiu o território a partir do Afeganistão, tornando-se nosso governante, mas, antes disso, Swat era um reino budista. Os budistas tinham chegado ao vale no século II a. C. e os seus reis governaram-nos durante mais de quinhentos anos. Os exploradores chineses escreveram histó-

rias sobre os mil e quatrocentos mosteiros budistas que havia ao longo das margens do rio Swat e sobre o som mágico dos sinos dos templos que ecoavam pelo vale. Os templos há muito que desapareceram, porém, um pouco por todo o vale, entre as primaveras e outras flores silvestres, é possível encontrarmos os seus vestígios. Fazíamos frequentemente piqueniques entre rochas esculpidas com a forma de um buda gordo e sorridente, sentado de pernas cruzadas sobre uma flor de lótus. Há muitas histórias que narram que o próprio Buda veio até cá porque é um local de tamanha paz, e diz-se que parte das suas cinzas está enterrada no vale numa *stupa* gigante.

As nossas ruínas de Butkara eram um local mágico para brincar às escondidas. Uma vez, apareceram alguns arqueólogos estrangeiros para trabalharem nelas e contaram-nos que, noutros tempos, aquele era um local de peregrinação, cheio de belos templos com cúpulas douradas, onde os reis budistas estavam sepultados. O meu pai escreveu um poema intitulado «As relíquias de Butkara», que resumia na perfeição a forma como um templo e uma mesquita poderiam existir lado a lado: «Quando a voz da verdade se ergue dos minaretes, / Buda sorri, / E os anéis da corrente partida da história voltam a ligar-se.»

Vivíamos à sombra das montanhas de Hindu Kush, onde os homens iam caçar cabras selvagens e galispos dourados. A nossa casa tinha um só piso e era feita de betão verdadeiro. Do lado esquerdo, havia uns degraus que subiam para um telhado plano suficientemente grande para nós, as crianças, jogarmos críquete. Aquele era o nosso recreio. Ao entardecer, o meu pai e os amigos reuniam-se frequentemente e ali se sentavam a beber chá. Por vezes, eu também me sentava no telhado, a ver o fumo a erguer-se de todos os lumes que cozinhavam em redor e ouvindo a algazarra noturna produzida pelos grilos.

O nosso vale é cheio de árvores de fruto nas quais crescem os figos, as romãs e os pêsegos mais doces e, no nosso jardim, tínhamos uvas, goiabas e dióspiros. Havia uma ameixoeira no jardim

da frente, que dava frutos absolutamente deliciosos. Era sempre uma corrida entre nós e os pássaros para ver quem é que lá chegava primeiro. Os pássaros adoravam aquela árvore. Até os pica-paus.

Desde que me consigo lembrar, sempre ouvi a minha mãe a conversar com os pássaros. Na parte de trás da casa, havia um alpendre onde as mulheres se reuniam. Nós sabíamos o que era ter fome, por isso a minha mãe fazia sempre comida a mais e dava às famílias pobres. Se sobrasse alguma coisa, dava aos pássaros. Em pastó, adoramos cantar *tapaæ*, ou seja, dísticos, e, enquanto espalhava o arroz, a minha mãe costumava cantar um deles: «Não mates pombas no jardim. / Se matares uma, as outras não aparecerão.»

Gostava de me sentar no telhado a ver as montanhas e a sonhar. A montanha mais alta de todas é o Monte Elum, que tem a forma de uma pirâmide. Para nós, é uma montanha sagrada e tão alta, que tem sempre um colar de nuvens lanosas. Até mesmo no verão, tem uma cobertura de neve. Na escola, aprendemos que, em 327 a. C., mesmo antes de os budistas terem vindo para Swat, Alexandre Magno entrou pelo vale adentro com milhares de elefantes e de soldados, vindo do Afeganistão, a caminho do Indo. O povo do Vale de Swat fugiu para a montanha, acreditando que seriam protegidos pelos seus deuses por ser tão alta. Porém, Alexandre era um líder determinado e paciente. Construiu uma rampa de madeira a partir da qual as suas catapultas e as suas setas conseguiam chegar ao cume da montanha. Depois, subiu o monte para conseguir apanhar a estrela de Júpiter como símbolo do seu poder.

Do telhado, via as montanhas a mudar com as estações. No outono, vinham os ventos frescos. No inverno, ficava tudo coberto pela neve branca, com compridos pingentes de gelo pendendo do telhado como se fossem punhais que nós adorávamos cortar. Corríamos por todo o lado, construindo bonecos de neve e ursos de neve e tentando apanhar os flocos que caíam. Era na primavera que Swat ficava mais verdejante. As flores

dos eucaliptos eram sopradas pelo vento para dentro de casa, cobrindo tudo de branco, e o vento carregava também o odor pungente dos campos de arroz. Nasci no verão e era por isso, provavelmente, que essa era a minha estação preferida, muito embora em Mingora o verão seja quente e seco e o ribeiro transande nos locais onde as pessoas despejam o lixo.

Quando nasci, éramos muito pobres. O meu pai e um amigo tinham fundado a sua primeira escola e vivíamos numa barraca decrépita com dois quartos mesmo em frente à escola. Eu dormia com a minha mãe e com o meu pai num quarto e o outro era para os convidados. Não tínhamos casa de banho nem cozinha e a minha mãe fazia a comida num fogão a lenha no chão e lavava as nossas roupas numa torneira da escola. A nossa casa estava sempre cheia de gente que vinha de visita da aldeia. A hospitalidade é uma característica importante da cultura pastó.

Dois anos depois de eu nascer, chegou o meu irmão Khushal. Tal como eu, também ele nasceu em casa, porque ainda não tínhamos dinheiro para pagar o hospital e recebeu o nome de Khushal, como a escola do meu pai, em honra do herói pastó Khushal Khan Khattak, guerreiro e poeta. A minha mãe desejava um rapaz e não conseguiu disfarçar a sua alegria quando ele nasceu. A mim, pareceu-me muito magro e enfezado, como uma cana que se podia partir ao vento, mas ele era a menina dos olhos dela, o seu *ladla*. Parecia-me que, para a minha mãe, os desejos do meu irmão eram ordens. Estava sempre a pedir chá, o nosso chá tradicional com leite, açúcar e cardamomo, mas até a minha mãe acabou por se cansar das suas exigências e, um dia, fez um chá tão amargo, que ele deixou de gostar. Queria comprar-lhe um berço novo — quando nasci, o meu pai não tinha dinheiro para comprar um, por isso usaram um berço velho de madeira emprestado pelos vizinhos, que já era em terceira ou quarta mão — mas o meu pai recusou.

— A Malala balouçou-se naquele berço — disse o meu pai.
— E ele também o pode fazer.

Quase cinco anos depois, nasceu outro rapaz — Atal, com os olhos brilhantes e inquisitivo como um esquilo. Depois disso, disse o meu pai, estávamos completos. Três filhos é pouco para os padrões de Swat, onde a maioria das pessoas tem sete ou oito.

Eu brincava sobretudo com Khushal porque era apenas dois anos mais novo do que eu, mas estávamos sempre a discutir. Ele ia ter com a minha mãe a chorar e eu ia ter com o meu pai.

— O que se passa, *Jani*? — perguntava o meu pai.

Tal como o meu pai, também eu tenho hiperflexibilidade e consigo dobrar os dedos totalmente para trás. Além disso, os meus tornozelos emitem um estalido quando caminho, o que faz com que os adultos se arrepiem.

A minha mãe é muito bonita e o meu pai adorava-a como se ela fosse um frágil jarrão de porcelana, sem nunca lhe bater, ao contrário de muitos dos nossos homens. O nome dela, Tor Pekai, significa «tranças de corvo», muito embora o seu cabelo seja castanho. O meu avô, Janser Khan, estava a ouvir a Rádio Afeganistão mesmo antes de ela nascer e escutou esse nome. Quem me dera ter a pele dela, branca como um lírio, os traços finos e os olhos verdes, mas, em vez disso, herdei a pele macilenta, o nariz largo e os olhos castanhos do meu pai. Na nossa cultura, todos temos alcunhas — além de *Pisbo*, que a minha mãe sempre utilizou para me chamar desde bebé, alguns dos meus primos chamavam-me *Lachi*, que é a palavra em pastó para «cardamomo». As pessoas de tez negra são muitas vezes chamadas brancas e as pessoas baixas são chamadas altas. Temos um sentido de humor peculiar. O meu pai era conhecido na família por *Kbaista Dada*, que significa «belo».

Quando eu tinha uns quatro anos, perguntei ao meu pai:

— *Aba*, de que cor és tu?

Ao que ele me respondeu:

— Não sei, um pouco branco, um pouco preto.

— É como quando misturamos leite no chá — disse eu.

Ele riu-se muito, mas, quando era pequeno, sentia-se tão envergonhado por ter a pele escura, que foi aos campos arranjar leite de búfala para espalhar no rosto, pensando que isso o tornaria mais claro. Só quando conheceu a minha mãe é que passou a sentir-se confortável na sua própria pele. Ser amado por uma rapariga tão bonita transmitiu-lhe confiança.

Na nossa sociedade, os casamentos geralmente são combinados pelas famílias, mas o deles foi uma união de amor. Não me canso de ouvir a história de como se conheceram. Vinham de aldeias vizinhas, num vale remoto na parte mais elevada de Swat chamado Shangla, e viam-se no quintal do tio do meu pai quando a minha mãe e a família dela lá iam em visita. Viram-se vezes suficientes para saberem que gostavam um do outro, mas, para nós, expressar esse tipo de sentimentos é tabu. Em vez disso, ele enviava-lhe poemas que ela não sabia ler.

— Admirei a mente dele — diz ela.

— E eu, a beleza dela — comenta ele a rir-se.

Havia um grande problema. Os meus dois avôs não se davam um com o outro. Por isso, quando o meu pai anunciou o seu desejo de pedir a mão da minha mãe, Tor Pekai, era óbvio que nenhum deles iria receber bem aquele casamento. O pai dele disse que era com ele e concordou em enviar um barbeiro como mensageiro, que é a forma tradicional que nós, os Pastós, temos para fazer essas coisas. Malik Janser Khan recusou a proposta, mas o meu pai é um homem teimoso e convenceu o meu avô a enviar o barbeiro uma segunda vez. A *bujra* de Janser Khan era um local onde as pessoas se reuniam para conversar sobre política e o meu pai ia lá com frequência por isso já se conheciam mutuamente. O meu avô fez o meu pai esperar nove meses, mas acabou por concordar.

A minha mãe vem de uma família de mulheres fortes e de homens influentes. A avó dela — a minha bisavó — ficou viúva quando os filhos eram muito jovens e o seu filho mais velho, Janser Khan, foi preso devido a uma rixa tribal com outra família

quando tinha apenas nove anos. Para conseguir que ele fosse libertado, ela caminhou sessenta e cinco quilómetros sozinha, atravessando as montanhas, para apelar a um primo influente. Penso que a minha mãe faria o mesmo por nós. Embora não saiba ler nem escrever, o meu pai partilha tudo com ela, falando-lhe acerca do dia, das coisas boas e das más. Ela provoca-o muito e dá-lhe conselhos sobre quem pensa ser um amigo verdadeiro e quem julga não ser e o meu pai diz que ela tem sempre razão. A maioria dos homens pastós nunca faz isso, já que partilhar os problemas com as mulheres é visto como um sinal de fraqueza. «Ele até pergunta à mulher!» é um insulto frequente. Vejo os meus pais felizes e a rir muito. As pessoas que nos vissem diriam que somos uma família doce.

A minha mãe é muito piedosa e reza cinco vezes por dia, embora não o faça numa mesquita, já que isso está reservado aos homens. Ela não aprova a dança porque diz que Deus não gostaria disso, mas adora adornar-se com coisas bonitas, roupas bordadas e colares e pulseiras douradas. Acho que, de certa forma, sou uma desilusão para ela, porque sou tão parecida com o meu pai e não ligo a roupas nem a joias. Aborreço-me quando tenho de ir ao bazar, mas adoro dançar atrás de portas fechadas com as minhas amigas da escola.

Enquanto fomos crescendo, nós, as crianças, passámos a maior parte do tempo com a nossa mãe. O meu pai estava fora com muita frequência, sempre ocupado não só com a sua escola, mas também com sociedades literárias e *jirgas*, bem como a tentar salvar o ambiente, a tentar salvar o nosso vale. O meu pai nasceu numa aldeia retrógrada, no entanto, através da instrução e da força da sua personalidade, conseguiu construir uma boa vida para nós e uma boa reputação para si próprio.

As pessoas gostavam de o ouvir discursar e eu adorava os finais de tarde em que recebíamos visitas. Sentávamo-nos no chão em torno de uma comprida toalha de plástico que a minha mãe preparava com alimentos e comíamos com a mão direita,

como é nosso costume, fazendo bolas de arroz e carne. À medida que a escuridão se ia instalando, ficávamos à luz das lamparinas, afastando as moscas com palmadas enquanto as nossas silhuetas projetavam sombras dançantes nas paredes. Nos meses de verão, havia frequentemente trovões e raios a ecoar lá fora e eu rastejava para perto do joelho do meu pai.

Ficava a ouvir, extasiada, enquanto o meu pai contava histórias acerca de tribos em guerra, líderes e santos pastós, muitas vezes através de poemas que lia num tom melodioso, chorando, por vezes, enquanto o fazia. Como a maior parte dos habitantes de Swat, pertencemos à tribo Yousafzai. Nós, os Yousafzai (que algumas pessoas escrevem Yusufzai ou Yousufzai) somos oriundos de Kandahar e somos uma das maiores tribos pastós, espalhada pelo Paquistão e pelo Afeganistão.

Os nossos antepassados chegaram ao Vale de Swat no século XVI, vindos de Cabul, onde tinham ajudado um imperador da dinastia timúrida a reconquistar o trono após a sua própria tribo o ter deposto. O imperador recompensou-os com posições importantes na corte e no exército, mas os seus amigos e familiares avisaram-no de que os Yousafzai estavam a tornar-se tão poderosos, que o iriam destronar. Por isso, certa noite, convidou todos os chefes para um banquete e lançou os seus homens sobre os Yousafzai, enquanto estes estavam a comer. Foram massacrados cerca de seiscentos chefes. Apenas dois escaparam e fugiram para Peshawar juntamente com os homens da sua tribo. Após algum tempo, foram visitar algumas tribos no Vale de Swat para granjear o seu apoio de modo a conseguirem regressar ao Afeganistão. Porém, ficaram tão cativados pela beleza de Swat, que decidiram, em vez disso, ficar aqui e forçaram as outras tribos a sair.

Os Yousafzai dividiram toda a terra entre os membros masculinos da tribo. Era um sistema peculiar chamado *wesh*, segundo o qual, a cada cinco ou dez anos, todas as famílias tinham de trocar de aldeia e redistribuir a terra da aldeia nova entre

os homens de modo que todos tivessem a oportunidade de trabalhar em terra boa, mas também má. Pensava-se que este sistema impediria os clãs rivais de guerrear entre si. As aldeias eram governadas por *kbans*, e as pessoas comuns, os artesãos e os trabalhadores, eram os seus arrendatários, que tinham de pagar as rendas em géneros, o que geralmente correspondia a uma parte da sua colheita. Também tinham de ajudar os *kbans* a formarem a milícia fornecendo um homem armado por cada pequena parcela de terreno. Cada *khan* mantinha centenas de homens armados tanto por causa das rixas entre clãs, como para assaltar e pilhar outras aldeias.

Como os Yousafzai que viviam em Swat não tinha governante, havia lutas constantes entre os *kbans* e mesmo no seio das suas próprias famílias. Todos os nossos homens possuem espingardas, embora atualmente não andem com elas para todo o lado como se faz em outras zonas pastós, e o meu bisavô costumava contar histórias sobre as batalhas armadas que ocorriam quando ele era um rapazinho. No início do século passado, começaram a ficar preocupados com a possibilidade de serem dominados pelos Ingleses, que, por essa altura, controlavam a maior parte dos terrenos em redor. Também estavam cansados dos banhos de sangue intermináveis. Por isso, decidiram tentar descobrir um homem imparcial para governar toda a zona e resolver as disputas.

Depois de dois governantes que não funcionaram bem, em 1917 os chefes chegaram a acordo em relação a um homem chamado Miangul Abdul Wadood para ser o seu rei. Conhecemo-lo afetuosamente por Badshah Sahib e, muito embora fosse completamente analfabeto, conseguiu trazer a paz ao vale. Tirar uma espingarda a um pastó é como tirar-lhe a vida, por isso não podia desarmar as tribos. Em vez disso, construiu fortes nas montanhas por todo o Vale de Swat e criou um exército. Foi reconhecido pelos Ingleses como chefe de Estado em 1926 e instalado como *wali*. Montou o primeiro sistema telefónico, construiu

a primeira escola primária e pôs termo ao sistema *wesh*, porque as mudanças constantes entre as aldeias implicavam que ninguém pudesse vender terrenos, nem tivesse qualquer incentivo para construir casas melhores ou plantar árvores de fruto.

Em 1949, dois anos após a criação do Paquistão, abdicou a favor do seu filho mais velho, Miangul Abdul Haq Jehanzeb. O meu pai diz sempre:

— Enquanto Badshah Sahib trouxe a paz, o seu filho trouxe a prosperidade.

Pensamos no reinado de Jehanzeb como um período dourado da nossa história. Ele estudara numa escola britânica em Peshawar e, talvez por o seu pai ser analfabeto, tinha uma verdadeira paixão pelas escolas e construiu muitas, para além de hospitais e de estradas. Na década de 1950, erradicou o sistema que obrigava as pessoas a pagarem impostos aos *khans*. Porém, não havia qualquer liberdade de expressão e, se alguém criticava o *wali*, podia ser expulso do vale. Em 1969, o ano em que o meu pai nasceu, o *wali* abdicou do poder e passámos a fazer parte da Província da Fronteira Noroeste do Paquistão, que, há alguns anos, mudou o nome para Khyber Pakhtunkhwa.

Por isso, nasci uma orgulhosa filha do Paquistão, embora, como todos os habitantes do Vale de Swat, pense em mim primeiro como swati e depois como pastó, antes de ser paquistanesa.

* * *

Perto de nós, na nossa rua, havia uma família que tinha uma rapariga da minha idade chamada Safina e dois rapazes da mesma idade dos meus irmãos, Babar e Basit. Jogávamos críquete na rua ou nos telhados todos juntos, mas eu sabia que, à medida que íamos crescendo, esperava-se que as meninas ficassem dentro de casa. Esperariam de nós que cozinhássemos e servíssemos os nossos irmãos e os nossos pais. Enquanto os rapa-

zes e os homens podiam passear livremente pela cidade, eu e a minha mãe não podíamos ir a nenhum lado sem um familiar do sexo masculino que nos acompanhasse, nem que fosse um rapazinho com cinco anos! Esta era a tradição.

Decidi muito cedo que eu não seria assim. O meu pai sempre disse:

— A Malala vai ser livre como um passarinho.

Eu sonhava em ir ao topo do Monte Elum como Alexandre Magno para tocar em Júpiter e mesmo em ir mais além do vale. Porém, enquanto observava os meus irmãos a correr pelos telhados, a fazer os seus papagaios voar pelo ar e a manobrar com destreza os fios para a frente e para trás de modo a deitarem o papagaio um do outro abaixo, interrogava-me sobre o quão livre uma filha poderia algum dia vir a ser.